

ROCK WAR

Robert Muchamore

Tradução de
Alexandra Guimarães

 Porto
Editora

Prólogo

O palco é um imenso altar resplandecendo sob o luar do Texas. Ecrãs do tamanho de prédios projetam um anúncio da Rage Cola. Perto da linha de 50 jardas do estádio, está uma miúda de 13 anos de pernas compridas a balançar de forma instável aos ombros do irmão mais velho. Está entusiasmadíssima.

– JAY! – grita, enquanto o corpo balança em desequilíbrio
– JAAAAAAAY, AMO-TE!

Ninguém a ouve porque outras 70 mil pessoas estão a gritar ao mesmo tempo. É um barulho de tal forma ensurdecedor que faz cócegas nos ouvidos. Rapazes, raparigas, adolescentes, estudantes. Cresce uma onda de antecipação assim que uma silhueta surge no palco, mas é apenas um ajudante com o suporte dos pratos da bateria. À saída do palco, o ajudante faz uma vénia e sai em grandioso estilo.

– JET! – entoa a multidão em unísono. – JET... JET... JET.

Atrás do palco, o som é mais abafado, como se fosse uma onda a bater contra um paredão. A única luz visível é um fulgor verde, produzido pelos sinais que indicam as saídas de emergência.

Jay leva as mãos ao estômago, nauseado. É esbelto e agradável aos olhos. Usa umas Converse All Stars, calças de ganga rasgadas e um risco de *eyeliner* preto nos olhos.



Ouve-se o imenso clamor da multidão, assim que os ecrãs exibem uma contagem decrescente de 30 segundos patrocinada por uma marca de telemóveis. À medida que os olhos de Jay se adaptam à luz, ele consegue ver uma imagem de si próprio com 20 metros de altura a descer um monte em cima de um skate, perseguido por estudantes coreanas aos gritos.

– TREZE – grita a multidão a bater com os pés no chão e a acompanhar a contagem decrescente – DOZE, ONZE...

No ecrã gigante, as raparigas arrancam Jay do *skate*. Ao cair, um *smartphone* escorrega-lhe do bolso e, quando as miúdas o veem, perdem o interesse no rapaz e formam um semicírculo para admirarem o telefone.

– TRÊS... DOIS... UM...

Os quatro membros dos Jet sobem para o palco, no meio dos gritos e dos disparos das câmaras fotográficas.

Estranhamente, o entusiasmo do público consegue sempre acalmar os nervos de Jay. Milhares de pessoas balançam à luz do luar. Aplausos e gritos vão-se misturando numa toada mais branda. Jay coloca os dedos no traste da guitarra consciente de que basta mover um dedo para que milhões de *watts* sejam expelidos pelas pilhas de colunas do tamanho de camiões.

A multidão está ao rubro quando a maior banda do mundo começa a tocar.

1. Migalhas inadequadas

Camden, norte de Londres

Quando acordamos, há sempre um momento de estranheza. Aquela apreensiva fração de segundo em que o sonho acaba e não temos bem a certeza de onde estamos. Se tudo correr bem, descobrimos que estamos na cama, enroscamo-nos nos lençóis e dormimos mais uma hora.

Mas Jay Thomas não estava na cama. O rapaz de 13 anos acordara numa cadeira de plástico, no ginásio de uma escola que tresandava a hambúrguer e a cachorro-quente. Havia várias filas de cadeiras mas só algumas estavam a ser utilizadas. Num dos lados da sala, uma empregada da cantina esguichava, mal-humorada, um líquido de limpeza cor-de-rosa para cima do balcão de metal. Ao fundo da sala, por cima do palco, estava pendurada uma faixa:

Concurso de Música Contemporânea das
Escolas de Camden 2014

Assim que Jay se mexeu, o chão encheu-se de pedaços de *snacks* de trigo estufado com pintinhas cor de laranja de sabor

a queijo. Tinha a roupa cheia de migalhas e metade do saco fora esmagado e polvilhado por cima do seu cabelo castanho espetado.

Jay era guitarrista solo numa banda chamada Brontobyte. Os outros três membros desataram a rir enquanto Jay sacudia o pó cor de laranja do cabelo. Em seguida, inclinou-se para sacudir as migalhas alaranjadas de cima da t-shirt dos Ramones e das calças de ganga preta rasgadas.

– Vocês são tão putos.

Na verdade, Jay não se importava com a brincadeira. Eram amigos desde sempre e ele teria feito exatamente o mesmo se tivesse sido um dos outros três a adormecer em vez dele.

– Tiveste bons sonhos? – perguntou Salman, o vocalista bochechudo dos Brontobyte.

Jay bocejou e retirou uma gosma alaranjada de dentro do ouvido enquanto lhe respondia:

– Mal dormi esta noite. O Kai esteve a jogar Xbox até perto da uma e quando o idiota finalmente se foi deitar, trepou para o meu beliche e largou-se mesmo na minha cara.

Salman mostrou-se solidário, mas Tristan e Alfie limitaram-se a rir.

Tristan era o baterista dos Brontobyte e um rapaz bem constituído que se considerava uma espécie de garanhão. Alfie, o irmão mais novo de Tristan, fazia 12 anos dali a três meses. Era o baixista dos Brontobyte e o músico mais talentoso da banda, mas os outros três gozavam-no porque a sua voz ainda não engrossara e não havia sinais de a puberdade estar a chegar.

– Não acredito que o Jay é gozado pelo irmão mais novo – exclamou Tristan, indignado.

– O Kai é o miúdo mais problemático do meu ano – concordou Alfie. – Mas o Jay deixa-o abusar.

Jay estalou a língua em desaprovação, irritado pela conversa:

– Podemos mudar de assunto, por favor?

Tristan ignorou o pedido e continuou:

– Quantos filhos tem agora a tua mãe, Jay? Cerca de 47, não?

Salman e Alfie soltaram uma gargalhada mas abafaram-na logo de seguida ao repararem no ar arreliado de Jay.

– Para lá com isso, Tristan – disse Salman.

– Qual é o problema? Estamos sempre a gozar uns com os outros. O Jay é que está a amuar como um bebé.

– Não, Tristan, tu é que nunca sabes quando é que deves parar – respondeu Salman, chateado.

– Vou beber qualquer coisa – interrompeu Alfie, tentando quebrar a tensão. – Alguém quer alguma coisa?

– Um uísque com gelo – respondeu Salman.

Jay parecia mais animado ao juntar-se à brincadeira:

– Uma cerveja e uma dose de heroína, se faz favor!

– Vou ver o que se arranja – ironizou Alfie, antes de se dirigir à mesa onde estavam uns jarros de sumo de laranja e umas travessas de biscoitos manhosos.

A banda seguinte estava a entrar no palco. Em frente deles estavam três jurados, sentados em carteiras da escola. Um homem careca com uma cicatriz estranha na cabeça, uma

mulher nigeriana de pernas compridas com um penteado tradicional e, por último, um homem com uma barba grisalha de poucos dias e calças de couro. Sentara-se ao contrário na cadeira para mostrar que estava na mesma onda que eles.

Havia cinco rapazes em cima do palco quando Alfie voltou com os quatro copos de sumo de laranja e a boca cheia de biscoitos. Tinham todos entre 15 e 16 anos. Rapazes com bom aspeto, quatro negros e um asiático, vestidos com t-shirts às riscas, calças de sarja e sapatilhas sem atacadores.

Salman sorriu com desdém.

– Parece que se foram vestir à Gap.

– Palhaços – acrescentou Jay.

– Ei, pessoal! – gritou um deles, tentando parecer descontentado apesar do olhar nervoso. – Somos os Womb 101, os concorrentes número sete, e vimos da Academia George Orwell.

Ouviram-se algumas palmas da assistência seguidas de uns segundos de embaraço proporcionados pelo gordo professor de música que tentava, com dificuldade, colocar o CD com o *playback* instrumental.

– É provável que conheçam esta música – disse o maior deles todos. – O original é dos One Direction e chama-se “What Makes You Beautiful”.

Os quatro membros dos Brontobyte olharam uns para os outros com ar de gozo. Alfie resumiu o estado de espírito dos quatro:

– Sinceramente, preferia levar um pontapé no meio das pernas a ter de ouvir isto.

Assim que o *playback* instrumental começou a tocar, os Womb 101 iniciaram a sua vigorosa coreografia, com quatro

dos membros a andarem para trás enquanto o rapaz maior, que estava no meio, se aproximava do microfone. Dançavam todos muito bem mas o que realmente captou a atenção da sala foi a voz poderosa do vocalista.

Era mais aguda do que seria de esperar de um rapaz negro corpulento, mas conseguia transmitir o sentimento de saudade pela rapariga da canção. Quando os restantes membros dos Womb 101 se juntaram para o refrão, as suas vozes abafaram o *playback* de apoio. Mas eram todos cantores decentes e a coreografia estava bem ensaiada.

Quando os Womb 101 ganharam pujança, o professor de música de Jay, o Sr. Currie, aproximou-se dos Brontobyte. Dava aulas há apenas alguns anos e metade das raparigas da escola de Carleton Road tinham uma paixoneta pelo seu queixo quadrado e corpo bem definido.

Estalou os dedos a acompanhar a música e disse:

– São realmente inspiradores, não são?

Os quatro rapazes olharam repugnados para o professor.

– As *boys bands* deviam ser fuziladas – exclamou Alfie.

– Estão a cantar por cima de um *playback*. Isso é música?

– E aposto que vão ganhar, ainda por cima – acrescentou Tristan com desdém. – Bem vi o professor deles a dar graxa ao júri durante o almoço.

O professor Curry respondeu à acusação com firmeza:

– Tristan, se os Womb 101 ganharem será devido ao seu talento. Fazes alguma ideia do treino que é necessário para se conseguir cantar e dançar daquela maneira?

No palco, os Womb 101 estavam a meio do coro de

nana-nanas, do final da música “What Makes You Beautiful”. Para terminar em beleza, o vocalista dirigiu-se para o fundo do palco e deu um salto mortal, terminando em êxtase com os braços abertos e dois membros da banda ajoelhados a seu lado.

– Obrigado! – gritou, enquanto lhe escorriam pela cara abaixo gotas de suor iluminadas pela luz do palco.

Não havia pessoas suficientes no espaço para que se pudesse chamar ao que se seguiu uma ovação, mas ouviram-se algumas palmas e muitos pais aplaudiram-nos de pé.

– Bom jogo de pés, Andre! – gritou uma mulher.

Alfie e Tristan simularam o som de um vômito assim que o professor Currie se foi embora.

– O Currie tem razão – disse Jay. – As *boys bands* não prestam mas eles tinham todos boa voz e devem ter ensaiado aquela coreografia dezenas de vezes.

Tristan abanou a cabeça e resmungou:

– Tu concordas sempre com o professor Currie, Jay. Eu sei que metade das raparigas da nossa turma estão apaixonadas por ele mas começo a pensar se tu também não estarás.

Assim que os Womb 101 saíram do palco e se dirigiram à mesa das bebidas no fundo da sala, Alfie levantou-se e gritou:

– Vocês não valem nada!

Jay recuou quando viu dois membros da *boys band* a lançarem-se furiosos na sua direção arrastando cadeiras de plástico pelo caminho. Em cima do palco, no meio das piruetas e a cantarem sobre como era fantástico o cabelo de uma miúda qualquer, não pareciam lá muito ameaçadores; mas na realidade,

eram dois tipos corpulentos de 16 anos provenientes de uma das escolas mais problemáticas de Londres.

O asiático com corpo capaz de partir alguém em dois dirigiu-se a Alfie:

– O que é que disseste? – perguntou, enquanto os músculos do peito se enchiam de raiva. – Se vos apanho no meu bairro, é bom que fujam rapidinho!

Bateu com o punho na palma da outra mão enquanto o amigo apontava para Alfie desenhando com o polegar uma linha imaginária de um lado ao outro da garganta, em sinal de aviso. Alfie estava tão assustado com a ameaça que não respirou até os dois grandalhões desaparecerem.

– Estás doido? – sussurrou Tristan dando-lhe um safanão no ombro. – Estes tipos são de Melon Lane. Lá só há malucos.

O professor Currie não ouvira Alfie gritar “você não valem nada”, mas chegara a tempo de ver Tristan dar um encontrão ao irmão, quando voltou com um copo de polistireno com café.

– Que é isso de andarem a bater uns aos outros? – disse o professor. – Estou farto da vossa negatividade. Você vão subir ao palco a seguir à próxima banda, por isso, é bom que sigam para os bastidores e se preparem.

A banda seguinte era composta por três raparigas. Vestiam-se como *punks* mas conseguiram assassinar uma música dos Paramore, fazendo-a soar como a Madonna num dia mau. Montar a bateria do Tristan no palco demorou uma eternidade e o membro feminino do júri, que não parava de olhar para o relógio e de abanar a cabeça cabeça adornada por um elaborado entrançado, enervou Jay ainda mais.

Após mais uns minutos às voltas com a correia do baixo de Alfie, os quatro elementos dos Brontobyte trocaram acenos de cabeça. Estavam prontos para começar. Normalmente, Salman cantava e tocava nos ensaios, mas Alfie era melhor músico; por isso, foi ele quem tocou baixo no concurso enquanto Salman se limitou a cantar.

– Olá pessoal – exclamou Salman. – Somos os concorrentes número nove, da escola de Carleton Road. Somos os Brontobyte e esta música é um original nosso. Chama-se “Christine”.

Um *original meu*, pensou Jay, respirando fundo e posicionando os dedos na guitarra.

Já estavam naquele ginásio desde as dez da manhã. Agora, tudo se resumiria aos três minutos seguintes.